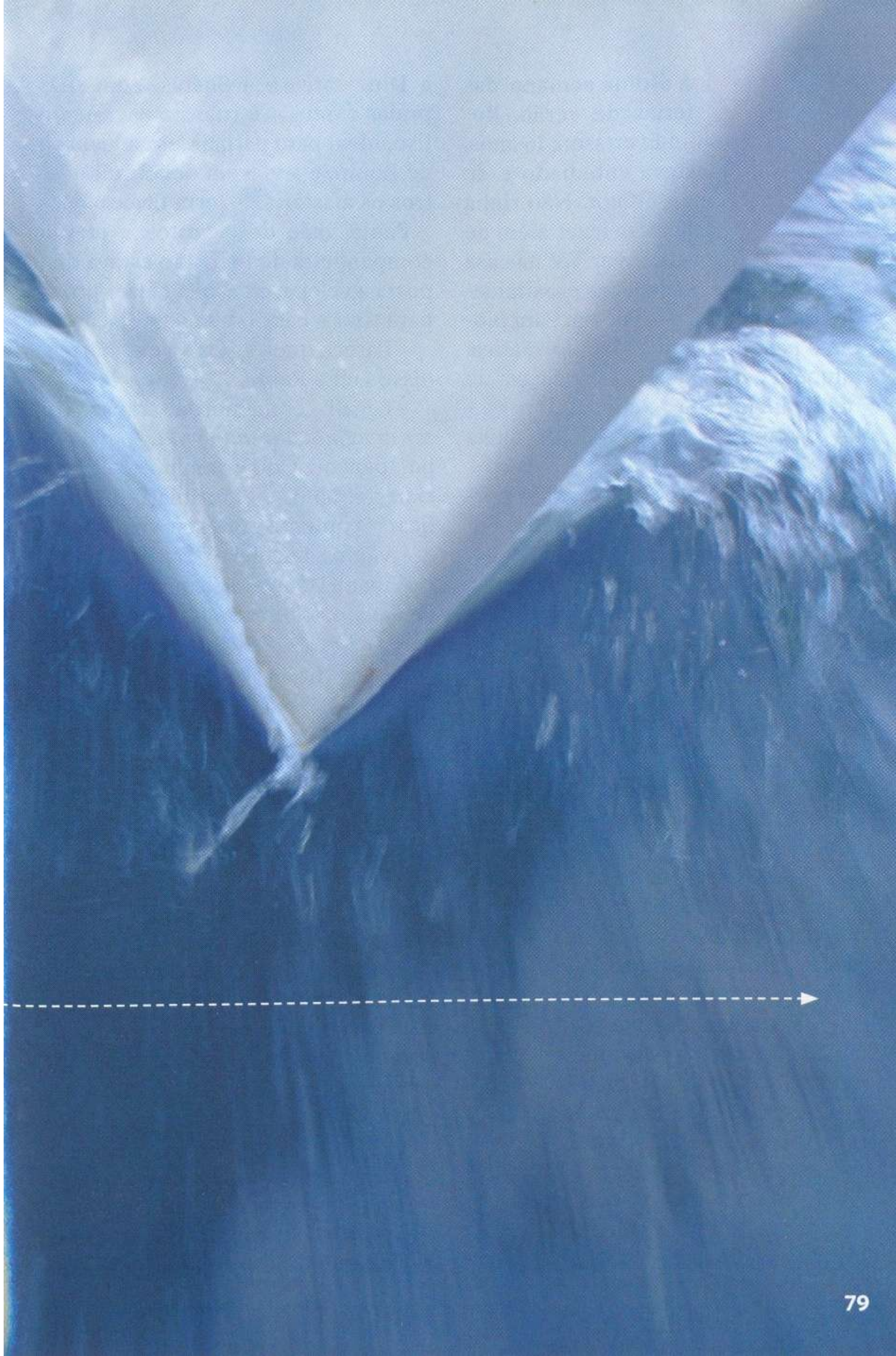


• DRAMA DA VIDA REAL

PAPAI CAIU NO MAR!

**QUANDO SEU PAI CAIU DO
IATÊ, O JOVEM ENCAROU A
MAIS DIFÍCIL DE TODAS AS
DECISÕES **POR JOHN DYSON****



Na última semana das férias de verão, Robin Evertsson, 16 anos, estava entediado e de mau humor. Não tinha nada para fazer além de dormir e ver TV na casa da família, nas proximidades de Gotemburgo, Suécia. Para piorar, o pai, profissional de informática, também estava de férias. E ficava de implicância com Robin, por passar tanto tempo na cama quando havia trabalho a fazer.

Robin se sentia meio perdido porque seu mundo estava mudando. Em poucos dias começaria a faculdade. Forte e já mais alto que o pai, com os cabelos castanhos cheios de gel para ficarem espigados, Robin passara a vida se preparando para um único objetivo: ser policial. Leif Evertsson, 43 anos, estava calado, porém furioso com o modo como Robin e o irmão, Patrik, 18 anos, estavam ociosos. Mas não queria discutir. Em vez disso, teve uma ideia.

– Vamos sair de casa – disse. – Que tal passarmos uns dias no mar?

O pequeno iate *Ariel*, com sua cabine confortável e quatro beliches, fazia parte da família havia mais tempo que os meninos. Tinham começado a navegar com os pais ainda bebês e passavam os fins de semana de verão explorando os canais entre as ilhas rochosas ao longo do litoral.

Robin adorou a ideia.

– Legal!... Podemos ir a Laesø? –, perguntou entusiasmado.

A bela ilha dinamarquesa entre

a Dinamarca e a Suécia, com suas praias extensas e ruas de pavimento liso, ideal para patinar, era a favorita de Robin, e a viagem de 55 quilômetros os afastaria da terra firme.

Paula, mãe dos garotos e eterna companheira de Leif, não estava disposta a velejar, e Patrik ia fazer prova para tirar a carteira de habilitação.

– Parece que vamos só eu e você – disse Leif a Robin.

– Legal! – comemorou o rapaz. *Vai ser uma boa dar uma volta com o papai*, pensou. Comeriam pizza e jogariam baralho, e ele sabia que o pai ficaria contente por estar velejando.

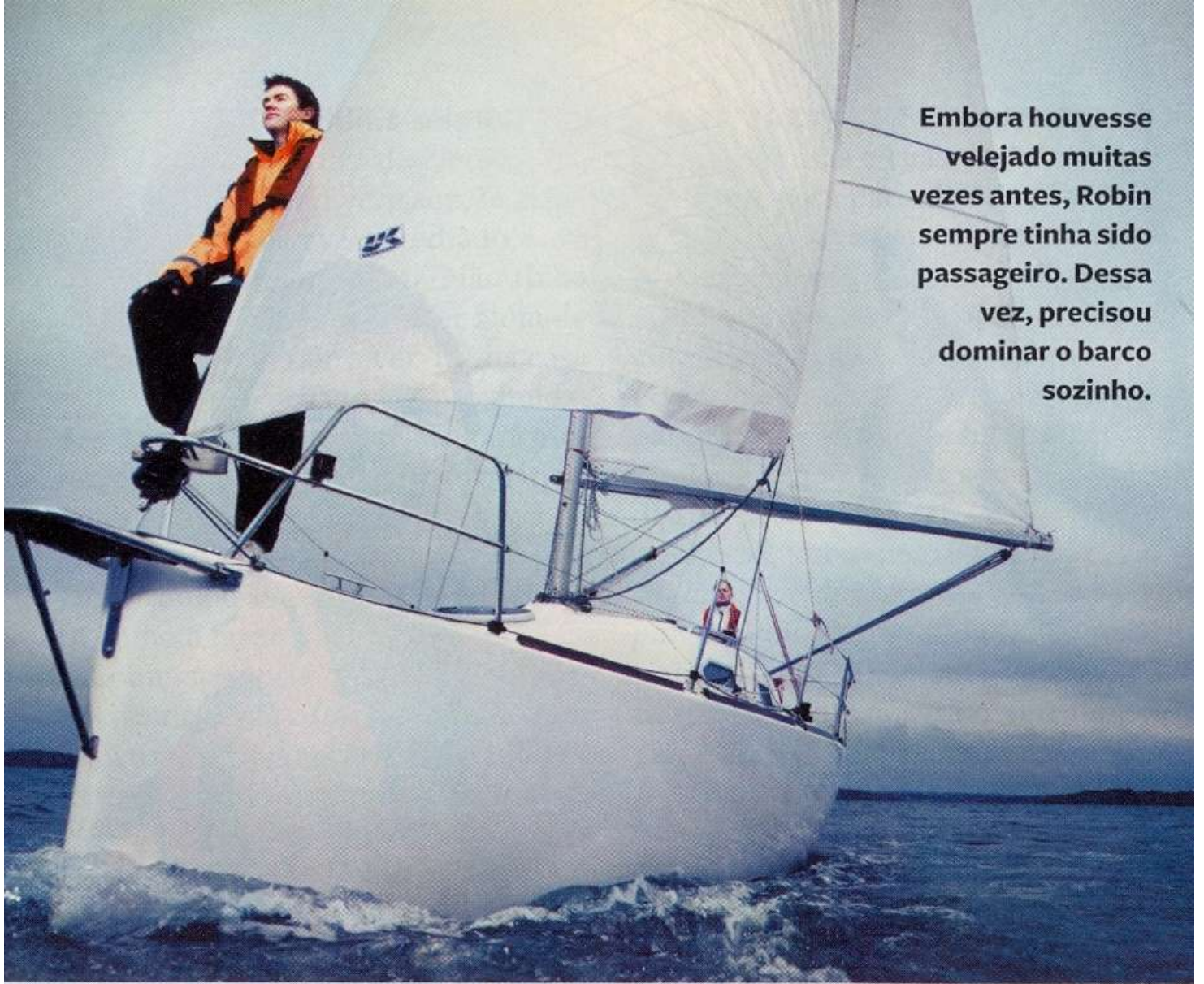
– Vamos amanhã – decidiu Leif.

A manhã chuvosa da quarta-feira, 12 de agosto, transformou-se numa tarde ensolarada. Pai e filho compraram comida para a viagem e zarparam da Marina de Näset. O vento estava forte, bem na medida, mas havia previsão de mudança para o norte, o que aceleraria a viagem. Com um pouco de sorte, ancorariam em Østerby Havn por volta da meia-noite.

Como sempre, o iate de 6,7 m atraía olhares surpresos dos barcos que passavam, pois o comandante só tinha um braço. Leif perdera o braço esquerdo num acidente de motocicleta aos 20 anos, o que acabara com seu sonho de dar a volta ao mundo. Mesmo assim, estava longe de ser incapacitado. Com uma só mão ele amarrava os cadarços dos sapatos, descascava batatas e subia escadas escorregadias nos portos. No barco, fazia de tudo, mesmo que tivesse de segurar as cor-

Robin Evertsson
estava ansioso
por ter o pai, Leif,
só para ele por
alguns dias.





Embora houvesse velejado muitas vezes antes, Robin sempre tinha sido passageiro. Dessa vez, precisou dominar o barco sozinho.

das com os dentes. Mas Robin sabia que o pai sofria dores lancinantes. A mão amputada queimava como se estivesse sobre a chama de um fogão, e a agonia não diminuía nunca. Ele a combatia com atividades constantes. Nem pilotando o barco entre as ilhas rochosas conseguia relaxar.

Ainda aos 12 anos, Leif navegara até as ilhas num bote para acampar com um amigo. Mais tarde, estudou para tirar o certificado de comandante costeiro e tripulou iates maiores. Acabara de perceber que, apesar das muitas viagens naquele iate, Robin sempre havia sido passageiro. Mas o filho agora tinha idade para aprender algumas habilidades náuticas.

– Já está na hora de ser um verdadeiro tripulante – disse-lhe o pai.

Robin guardou o iPod.

– Sim, pai – respondeu paciente.

Leif explicou como se localizar no mapa do GPS portátil. Mas, quando o barco se afastou do abrigo da ilha e chegou às ondas maiores em alto-mar, Robin ficou mareado e deitou-se num beliche.

Observando o cochilo do rapaz, Leif se preocupava com o destino que o filho teria. Como seria alguém na vida, com tanta preguiça? Que espécie de policial seria?

O tempo piorou, por volta das dez e meia da noite. O vento não mudou

para o norte, conforme previsto, e todas as esperanças de estar num porto aconchegante até a meia-noite tinham desaparecido. Teriam sorte se chegassem antes do amanhecer.

Recuperado do enjoo, Robin aproximou-se do pai. Leif apontou para a luz verde de uma boia distante que piscava nas proximidades da ilha, e Robin a encontrou na telinha do GPS.

O pequeno barco passou a noite lutando. Pouco antes de 23h30, o vento explodia a 30 nós, quase um vendaval. Baixaram a vela-mestra para reduzir a tensão no cordame. Os respingos das ondas de três metros caíam no convés

Deslizando pelo convés, que se inclinava descontroladamente para a proa, segurando-se com sua única mão, Leif ia à frente do mastro. Maldizendo a si mesmo, lembrou-se de que não trouxera ferramentas e gritou para o filho:

- Pegue o alicate!

Na cabine, enquanto revirava a caixa de ferramentas, Robin foi interrompido por um grito:

- Robin! Socorro! Caí na água!...

Da cabine de comando, Robin olhou o convés. O pai tinha sumido. Dentro d'água, iluminado pelas luzes, viu Leif, com o rosto lívido imprensado

NA CABINE, ENQUANTO REVIRAVA A CAIXA DE FERRAMENTAS, ROBIN OUVIU UM GRITO: "ROBIN! SOCORRO! CAÍ NA ÁGUA!" ERA O PAI.

e batiam no rosto deles como se fossem pregos. Robin tremia. "Que coisa terrível", murmurava.

Sob o brilho ofuscante das luzes de navegação verdes e vermelhas, Leif viu que a vela restante já embarrigava.

Horrorizado, notou que o mastro balançava. O cabo fino entre o calcês e a frente do barco estava solto. O que segurava o mastro era apenas a fina corda costurada na parte da frente da vela.

O mastro podia tombar para o lado a qualquer momento e, talvez, furar o barco. Ou cair em cima deles. Leif entrou em pânico. Em vez de afastar o barco daquela ventania para tirar a pressão da vela, tomou uma decisão ruim. "Preciso dar um jeito nisso."

entre os tubos inflados do colete salva-vidas vermelho.

- Pai, o que devo fazer?

Leif já estava ficando para trás. Passou abruptamente por cima de uma onda e desapareceu de vista. Lutando para virar o barco, Robin ouviu as palavras do pai flutuando no vento.

- Pegue o telefone!...

Viu o pai subir com uma onda.

- Aguenta firme, pai! - gritou.

Robin pegou o telefone Xperia do pai na cabine e ligou para o número de emergência. Só recebeu uma resposta automática em dinamarquês.

Pegou o próprio telefone e discou outra vez, mas estava longe demais da Suécia para ter sinal.

Do lado de fora, Robin procurava o pai desesperadamente na escuridão do mar. Leif tinha desaparecido na noite. “Pai, cadê você?”, chamava, repetidamente.

A vela desmoronou com um estrondo. Recordando as aulas de náutica de apenas algumas horas antes, Robin empurrou a cana do leme, e a vela voltou a se encher e impulsionar o barco. Rouco de tanto gritar, navegava em círculos largos.

Depois de 20 minutos percebeu que navegar em círculos no escuro era inútil. Tinha de fazer algo, mas as opções eram poucas. O iate não tinha rádio VHF para pedir socorro nem foguetes luminosos. Contendo o pânico, Robin se obrigou a raciocinar: *Se a ajuda não vem a mim, preciso ir até ela.*

A decisão era angustiante. Como poderia abandonar o pai? Mas como encontrar ajuda, se ficasse ali?

Olhava fixamente para a tela do GPS. Clicando para afastar a imagem e torná-la mais abrangente, viu aparecer o litoral sueco, e tomou a decisão.

Mudou o rumo do barco para leste. O vento socou a vela numa curva fechada e o barco disparou, navegando rápido. Robin se preocupava com o mastro, mas com vento e ondas vindo por trás, a pressão sobre ele era menor. O barco surfava as ondas que vinham em direção à popa. Controlar o leme era difícil. Robin percebeu que, se deixasse o barco tombar de lado, naufragaria.

As pernas tremiam, de frio e choque. A cada poucos minutos ele tira-

va o telefone do bolso e olhava para a tela. Ainda não havia sinal.

Avistou luzes de navios ao longe. Às 14h48 da manhã, Robin discou, pela sexta vez, o número da emergência. Assustado, ouviu uma voz de mulher:

– Serviço de Emergência.

– Meu pai caiu no mar! – gaguejou. Então acalmou-se e explicou melhor: – Meu pai caiu no mar a umas cinco milhas de Laesø.

A chamada foi transferida para o Centro de Salvamento da Marinha em Gotemburgo, onde Cecilia Wegnelius, no plantão noturno, percebeu o medo e o frio na voz do rapaz.

– Quando ele caiu?

– Há mais ou menos duas horas – disse Robin. – Estou navegando na direção da Suécia.

– Tudo bem – disse Cecilia. – Mas onde você está?

Robin apertou o botão NAV do GPS, como instruíra o pai, mas não achou a latitude e a longitude do iate.

– O que vê ao redor? – perguntou a coordenadora.

– As luzes da Suécia estão começando a aparecer. Há navios atrás de mim e uma grande balsa branca com uma marca na chaminé.

Robin ouviu um silvo. O cabo que segurava o mastro passou tinindo perto da cabeça dele. O mastro tombou e caiu ao longo do convés, ficando com a parte de cima afundada no mar. O barco virou de lado, balançando muito. Robin rastejou para dentro da cabine.

– Fique calmo – pediu Cecilia. – Vamos mandar um helicóptero e barcos de resgate.

A balsa que Robin viu era a *Coroa da Escandinávia*, rumo ao norte. Às 2h50 da manhã, ela avistou o pequeno iate. Um helicóptero sueco de salvamento seguia rápido para o local. Baixado até a água, o salva-vidas Patrik Nilsson, de 35 anos, nadou até o iate.

– Você está bem?

Robin fez que sim com a cabeça.

– Precisamos salvar meu pai – disse.

– Não se preocupe, tem um monte de gente procurando por ele – acalmou-o Nilsson.

Em poucos minutos Robin já estava no helicóptero. Eram 3h19 da manhã.

Debatendo-se na escuridão, Leif tirara as botas e a calça para ficar mais leve. O colete salva-vidas escorregava pelo coto do braço amputado e ele o mantinha no lugar com a única mão. Encarava um enorme desafio, mas Leif sabia lutar. *Perder o braço me preparou para isso*, pensava. Percebeu algo estranho. Pela primeira vez depois do acidente, a dor na mão amputada desaparecera.

Pela cabeça lhe passavam pensamentos a respeito de Robin. *Como pude fazer essa idiotice de deixá-lo sozinho? Não posso morrer de um jeito que o faça sentir-se culpado*. Leif sabia que o filho não desistiria. Mas não sabia até onde os conhecimentos náuticos rudimentares de Robin o levariam. E se a queda do mastro o tivesse machucado?

A cãibra aguilhoava os músculos das pernas de Leif. Para aliviar a dor, enfiou na boca o apito do colete salva-vidas e mordeu com força.

Leif demorou para perceber que as luzes que via ao longe eram navios e que estavam se aproximando. Eram cinco, com uns 200 metros de distância entre si, e avançavam enfileirados, varrendo o mar com seus holofotes. Estavam procurando por ele. *Robin deve ter conseguido!*, pensou.

Por minutos angustiantes, Leif pensou que o barco mais próximo passaria por cima dele. Com chutes desesperados, alcançou a fonte de luz do navio e gritou. Um helicóptero baixou no céu escuro. Às 4h57, o piloto falou pelo rádio com a base: “O homem está no helicóptero. Gelado, mas vivo.”

Aflito, Leif perguntou:

– Como está Robin?

– Está bem e a caminho de casa – disse-lhe um tripulante.

Leif deixou a cabeça pender para trás e fechou os olhos. *Graças a Deus!* Enquanto era conduzido num carro da polícia, Robin ouviu a notícia minutos depois: “Seu pai está vivo e bem.”

As equipes de salvamento elogiaram o autocontrole de Robin e a sua decisão de ir procurar ajuda. Leif exalta a coragem do filho: “Robin é um garoto maravilhoso que amadureceu naquela noite – e será um grande policial.”

VESTIDO A CARÁTER

Estava sentada no sofá, conversando com meu filho adolescente.

– Mãe, tem um baile “superformal” na escola na sexta-feira. Será que dava para eu comprar tênis novos?

Jean Hoffman, EUA